

A LAGRIMA

Quinzenario illustrado

Barcellos, 31 de agosto de 1902

Ed. responsavel: José Francisco da Silva

Red. e offic.: Typographia Barcellense

Anno, Barcellos, 480; Provincias, 600

JOAQUIM SOUCASAUX

Apesar de volvidos alguns annos sôbre o fallecimento d'este sympathico barcellense, que, tendo ido ao Brazil na demanda de fortuna, ahi encontrou, poucos mezes decorridos, o termo da sua existencia, o seu nome jámais deixou de ser recordado com immensa saudade, porque Joaquim Soucasaux era um rapaz brioso e digno, tão trabalhador como intelligente e tão fino de maneiras, como apumado e bem posto no seu fato, sempre corréto e elegante.

Empregado no escriptorio do illustre advogado e notario Dr. Luiz de Novaes—distinctissimo ornamento do functionalismo portuguez—e, simultaneamente, solicitador de cauzas n'esta comarca, ahi—quér n'um, quér n'outro lugar,—patenteou bem frisantemente as suas brilhantes faculdades de saber e de honestidade.

De vez em quando e para dar expansão ás alegrias do seu espirito, elle ahi nos apparecia na

extincta «Gazeta do Povo», aproveitando e avolumando as mais pequenas coisas e factos com uma graça e sabôr admiraveis, sempre n'um estylo elegante e simples.

Era tambem um brioso bombeiro, muito disciplinado e sinceramente devotado a essa benemerita corporação.

Um dia resolveu abandonar o seu paiz, porque—dizia elle—quem moureja incessantemente como eu e tem a servil-o outras faculdades—é impossivel que, n'um meio, onde o trabalho obtenha uma remuneração mais condigna, não seja tambem mais feliz; alem d'isso, tenho aspirações e não quero suffocal-as a dentro

d'estas quatro paredes onde vivo e onde me sinto muito abaixo do que imagino poder conseguir. Dito e feito, porque J. Soucasaux era inabalavel nas suas resoluções; removidas umas difficuldades do momento e, principalmente, assegurada a subsistencia da familia, que o estremeia, por quem era dedicadissimo, elle ahi marchou, animada e resolutamente, e, pouco depois de ter chegado ao Rio de Janeiro, escrevia o inditoso Joaquim a um amigo, dizendo-lhe:—

«Podes acreditar que não me lembro d'essa vida trabalhosa e miseravelmente retribuida do fóro. Ha 10 annos, pelo menos, é que eu devia ter sahido d'ahi.

Porém... mais vale tarde do que nunca.

Com fortuna não conto. Viver sem dividas e ter 20 ou 30.000 para gastar quando fôr preciso ha, e, porisso, a minha aspiração está satisfeita.»

Tudo, pois, parecia confraternisar e empenhar-se no sentido de fazer ir longe o pobre Joaquim Soucasaux.

Pura illusão!

Poucos mezes passados, cahia elle para sempre, e alguns palmos de terra ficaram guardando o sympathico e querido patricio nosso, terminando, assim, a existencia de um luetador, para quem este meio era demasiadamente pequeno e que, obedecendo mais ás aspirações que lhe germinavam no espirito, do que aos rogos dos amigos—que os tinha e devotadissimos na melhor sociedade—foi victima, talvez, do clima inhospito das terras, onde sonhou exercer mais proveitosa e proficuamente, a sua actividade e o prestigio do seu grande caracter.

«A Lagrima» prestu assim, uma merecidissima homenagem.



As festas da inauguração

(Noticia retardada pelo a diâmetro da publicação da "Lagrima,")

Esta poetica e risonha Barcellos faz-nos lembrar o lavrador minhoto que só está contente quando lhe dão festas.

O mez que ha 10 dias desapareceu na voragem insaciavel do tempo foi para a nossa querida patria (sem ser a do «Barcellos por dentro») um verdadeiro e bem cantado soneto, abrindo com chave de prata e fechando com chave de ouro.

O carrilhão teve a sua festa retumbante e altisona, mas a snauguração do Gil Vicente... isso foi muito upa... upa...!!!

E foi, sim senhores!

Ora ouçam:

Quinta-feira;

31 de julho de 1902;

Dia de sol quente;

De madrugada, ao meio dia e á noite o sino do relógio e as torres tocaram festivamente, o que muito agradou ao Daniel por ter ensejo de tornar um fartote de badalos;

A Camara içou a bandeira nacional;

O Quartel idem;

As tropas vestiram grande uniforme;

O Lapuz não pescou lampreias;

Houve grande feira no Campo da mesma;

As repartições estiveram todas fechadas, menos a Recebedoria, porque esta é do *venha a nós*:

Não morreu ninguém no hospital;

Não houve audiência ordinaria;

Publicou-se a «Folha da Manhã»

Na cadeia morreu um varioloso;

A igreja resou por Santo Ignacio de Loyola e a Carta Constitucional só para fazer pirraça ao Santo deu-se o luxo do anniversario da sua outhorga. Estão quasi de *commum accordo*. Pasmoso assombro de fraternidade!

Seccou o leite a uma ama da roda;

O senhor infante D. Alfonso teve a extravagante ideia de fazer annos;

Terminaram as novenas da Senhora do Carmo na igreja dos Terceiros;

A fiscalisação do sello não esqueceu a visita á bilheteira do Theatro;

A filial do Café Viuva Mattos & Filhos fez logo negocio, e a Roriz tambem;

Não houve musica nem foguetes;

E muitos outros artigos de *difficil* enumeção.

Um grupo de empregados do commercio pede livros para constituir uma bibliotheca.

Acceitam-se, especialmente, compendios de do utrina, de moral e de civilidade.

Expediente

«A Lagrima» não se publica desde o dia 27 de julho, isto é, ha cinco semanas.

Varios motivos de força maior nos têm forçado a isto. Entre elles, sobresaem a faina theatral e o extraordinario serviço que ultimamente se tem agglomerado na nossa officina.

Aos nossos assignantes e leitores pedimos desculpa do atrazo.

Na recita do ultimo domingo, quando quasi toda a plateia applaudia calorosamente o magnifico trabalho dos artistas que representaram a «Dor Suprema» salientaram-se dois espectadores, que patearam o drama.

Eram os professores, srs. Domingos Pereira da Silva e Padre Joaquim Miranda; vieram estes cavalheiros pedir-nos para que digamos ao publico que não foi seu intento manifestarem-se desagradados pelo desempenho da peça, que acharam verdadeiramente superior; mas simplesmente protestar contra a moral do drama, que nos apresenta o suicidio como unico recurso para as desgraças e miserias d'este mundo.

Francisco Medros, o Lapuz, declara aos seus numerosos freguezes que na sua fabrica de serragem, situada na margem esquerda do Cavado, vende a pura serradura ou serrim. Garante que não tem mistura de semca pois abomina as mixordias e os mixordeiros.

Como tudo é hoje falsificado, julga dever fazer esta declaração.

Pode ser analysada. Vêr para crêr.

Ha coisas que são coisas e coisas que o não são. Embora a *parabola* se lhes afigure um pouco incomprehensivel, podem crer que é verdadeira.

Exemplo: se um patuseo qualquer disser que tem um tostão no bolso e o tiver, ahí está uma amostra do primeir' caso. Se, porem, elle affirmar que traz 5:000 reis na carteira e não trouxer uma de x, ahí está uma coisa que não é coisa.

O Joaquim Pegas é dos taes que dizem coisas sem ser coisas. Um dia lembrou-se de querer provar ao Pae Pote que a metade de 12 é 7.

—Oh! meu burro, dizia-lhe o outro, tu não vês que 6 e 6 são 12; logo, a metade de 12 é 6.

O Joaquim põe o dedo indicador no centro da testa e com um largo gesto dramatico exclama:

—Ora vamos a ver. Escreva-se ahí 12 em

A LAGRIMA

letra romana e passe-se-lhe um traço no meio para ficar a metade.

Dito e feito. O Joaquim, victorioso brada então:

—Veja agora se não estão 7.

*

Ha tempos foi á inspecção. Veio logo com a novidade de que os medicos lhe tinham posto uma toalha *debaixo* das costellas para lhe apalparem os pulmões...

Um grande maganão, emfim, que gosta de dizer coisas sem ser coisas.

O Coutinho vae fazer os versos para um fado, cuja musica pertencerá ao Hylario da nossa terra—que, como todos sabem, é um grande musico.

Eis uma quadra:

Eu primeiro fui caixeiro
E depois negociante
Já fui tambem cyclista
Sou agora servo andante.

COISAS COM QUE EU EMBIRRO

Com as almofadas que usa no peito uma menina da nossa alta roda.

—Com as polainas do Ferreira, poeta, que usa para a gente não saber que anda sem meias.

—Com a grande barriga do José do Cruz.

—Com a barba cerrada ou serrada, do Arthur Vieira.

—Com zurrapa de pataco.

—Com a barriga, prene de electricidade, do meu namôro.

—Com o raio do genio do Caganito.

—Com os ladrões que, conhecemos, a enriquecer com farinha de barro.

K. Turro.

Chronica

Palavra, palavrinha, que n'esta vida não vale a pena afflicções.

Não ha quem nos tire d'esta; por mais que esses negregados philosophos pessimistas tomem em dizer que *isto* está tudo perdido, que a corrupção domina as consciencias, que já não ha dignidade nem honra, que tudo caminha para o abysmo a passos agigantados etc. etc. não somos nós quem nos podemos convencer de taes palanfrorios.

... Deixem-se de lerias, meus amigos. Este mundo é um mar de rosas... Pois não vemos nós, senhores, como este nosso povo assiste, com a mais santa das paciencias, ao encantador espectáculo que gratuitamente lhe offerecem os altos figurões d'este paiz! *Elle* são escripturas

falsas, capitalistas compromettidos, roubalheiras escandalosas, fiscoes do sello que são ladrões... o *tutti quanti*, leitor amigo. E o Zé sempre impassivel! E sabem porquê? Porque o falsificaram! Nem mais nem menos. Agora, os habitantes d'este lindo jardim á beira-mar plantado, ja não são aquelles corajosos aventureiros que levaram a bandeira portugueza ás cinco partes do mundo, no meio de louros e victorias. Qual são nem qual carapuça! O povo já não é o mesmo; esses malfadados mixordeiros e falsificadores de todas as castas e feitios, encheram-n'o de tanto barro, de tanto kaolino, de tanto gesso... que o Zé está lá, mas é de gesso.

E' um Zé de *biscuit*, um Zé arte-nova, um bello exemplar de Zé-manequim, apto a moldar-se a todas as especies e condições. A questão é pô-lo na fôrma, dar-lhe um geitinho, e prompto! ahi temos nós o Zé passado por todas as modificações desejadas.

*

E é por causa do raio das falsificações que *isto* anda tudo tórtol! D'aquí a pouco ninguem se entende; ficamos n'uma Babylonia indescritivel.

Pois se nós até estamos em dizer que já os astros estão falsificados! Então como se explica isto? Em março e abril, em plena primavera, fazia um calor de rachar, agora, que estamos em agosto, em puro e legitimo verão, é chuva, vento... o demonio!

Má raios partam a politica!

*

E sabem os leitores quem tem a culpa de tudo isto? E' o Zé, por não agarrar n'um marmelloiro para correr toda esta eholdra á paucada.

... Mas, é verdade, o Zé está lá... mas é de gesso. H.

«Barcellos por dentro»

(Graças a Deus e a Noé—o grande amante do rôxo—mereá d'algun arratel de carne subtraído (não por operações arithmeticas, mas por uma actividade insana) á nossa debil compleição, estamos fóra do «Barcellos por dentro»!

Barcellos e seus arredôres—em peso—, nada têm que agradecer a boa vontade que tivemos, de intuitos patrioticos. Não fomos nós que urdimos a peça inaugural do Gil Vicente, foi o café do Moka, que ingerimos em peca e cuja acção physiologica, depois de nos ter actuado no systema nervoso, produziu os seguintes resultados:

—Imaginarmos scenas de noite, para as escrevermos na manhã seguinte, para as passarmos após a *papeis*... affim de á noite os distribuirmos aos diferentes personagens...

Activarmos a scenographia;

Conseguirmos a pintura do theatro;

Montarmos os aparelhos da luz;

... O serviço de ventilação;

A LAGRIMA

Darmos principio á installação da sentina!

*

Descidos dos ornamentos da lua d'onde chegamos com a ultima reboada de palmas do 3.^o espectáculo, aqui nos tens, patricio amigo, na typographia Barcelense—que abandonamos desde o 1.^o de maio a 10 de agosto,—dentro d'uma commoda e hygienica blusa e sobre um calçado de alicerces de amicro, prompto a offerer por modica remuneração, o molesto trabalho da arte de Guttemberg.

*

Aqui agradecemos aos ensaiadores Domingos José de Faria e Antonio Paiva; ao collaborador musical Domingos Carreira; ao dr. Lima, Arnaldo Braz e Arthur Vieira, auctores do verso; aos contra-regras Augusto Vieira e Antonio Azevedo; aos amadores dramaticos—a todos, pois, o nosso reconhecimento pelo relevo que deram ao «Barcellos por dentro».

Saibam todos que podem ler e ouvir, pelo menos, que o kaolino que era, até aqui, uma substancia destinada na ceramica á feitura de bispotes, penicos, tijelas, etc., foi—por uma questão de alchimia e... roubalheira—applicado á falsificação do molete, do biscoute e da rosca!

O conceito de Barcellos quer para si a honra de ter fornecido o rico minério...

Palme foi a mina d'onde se extraiu o barro que era transformado em massa para o publico e massa para o enriquecimento de muitos piedosos e honrados senhores.

Não bastava estucarem com gesso o estomago do publico,—vieram agora tambem barral-o.

O que serve para fazer penicos, servir para fazer pão! Que progressos!

O distincto academico J. convidou o não menos distincto academico G. para jantar em sua casa.

G. acceita. Enveredam para casa de J.; chegados ahí, J. quasi a chorar pede ao seu amigo G. que se vá embora.

G. teima. J. pede. G. torna a teimar.

Por fim, e attendendo que éra sexta-feira, e ainda á fécula paternal—que incidiria sobre o condiscipulo—G. retira-se com uma fome dos diabos!...

J., esse, perdeu o appetite com o susto.

E' o caso do nosso primoroso e saudoso poeta A. M.

«Ella é negra» e um factio comprova-o!

Na ultima quarta-feira presenciamos, atraz da Praça, um caso de verdadeira fôme.

Prendem ali—os sardinheiros—as alimarias que lhes transportam o peixe, do mar.

Nem sempre têm o cuidado de as distanciar nas prisões, e foi porisso que se nos deparou, n'aquelle dia, este quadro, aliás desolador!

Um jumento, de orelhas murchas, olhar amortecido, a comer vorazmente, a palha da albarda do visinho,—reduzindo-a á sua ultima expressão.

«Ella é negra»!

ALBUM DA «LAGRIMA»

Um coração derretidinho d'amor e cheio de desespero, proprio de «quem espera...» levou uma moçoila febrilmente apaixonada por um ingrato que tanto a esquece—enfim «longe da vista, longe do coração»...—a escrever a seguinte cartinha, a tresandar a cravo, ao seu mais que tudo:—

Meu Antoninho—Levo por este meio a participar-te que na quinta-feira passada, o snr. Gomes de Barcellos, mandou-me dizer pella minha criada, que tinha falado com meu Pai; a respeito do que tu lhe enconbiste, e não só o sr. Gomes, como meu Pai estão á duas quintas-feiras, atua espera, para te darem reposta, e que tu não appareces, por cujo motivo perbino-te para tu bires na quinta-feira futura abarcellos sem falta, pois meu Pai já disse ao Snr Gomes se tu não davas solução alguma atua palavra: espero que veinhas abarcellos no dia ditto.

Adeos, aceita o Coração Saudozo desta que só vive para ti...

Sabes quem.

THEATRO GIL VICENTE

Hoje

Ha grande e variado espectáculo, promovido pela Academia Musical Mocidade Portuense, em beneficio da Associação dos nossos Bombeiros, com a «Morte do Gallo» os «Africanistas» os «Amores do Coronel» e varias symphonias executadas pelo Grupo Musical da Academia.

Promette, enfim, ser uma recita magnifica.

Barcellos em peso cairá hoje por certo na nossa linda sala de espectaculos.

Preços e horas do costume.

Ao Theatro, pois!